



VII ENLIJE

A REPRESENTATIVIDADE SOBRE A VOZ E AUTORIA FEMININA NA LITERATURA A PARTIR DOS POEMAS “SINA DE MULHER” E “O CANTO DA ÍNDIA” DE RITA BARÉM DE MELO PARA PROMOVER A LEITURA DE MULHERES EM SALA DE AULA

Ana Beatriz Aquino da Silva (1); Alan Nascimento Rodrigues (1); Ingrid Vanessa Souza Santos (2); Tássia Tavares de Oliveira (3)

Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande - PB, Brasil

anabeatrizaquino@outlook.com.br (1); alanmsn10@hotmail.com (1); ingrid_vanessa12@hotmail.com (2); tassiatavares@gmail.com (3)

Resumo: Mesmo as mulheres produzindo competentemente literatura no Brasil desde o século XIX, tanto quanto os homens consagrados pelo cânone, a tradição historicamente fundamentada na figura masculina como o criador, acaba por silenciar a autoria feminina relegando a ela espaços secundários. Diante desse contexto, ligado diretamente ao construto conservador patriarcal, é que escolhemos como foco da presente investigação a escritora gaúcha Rita Barém de Melo (1840–1868). Assim, a partir desta análise, objetivamos tecer algumas considerações sobre a voz e autoria feminina na literatura de Rita Barém de Melo. Apesar da riqueza poética de seus poemas, presentes nas diferentes temáticas abordadas, pelas construções poéticas ritmadas, com rimas, tons e imagens, nos ocuparemos em analisar mais especificamente dois de seus poemas, a saber: “Sina de Mulher” e “O canto da Índia”. Quanto ao primeiro poema, indicaremos como a escritora constrói poesia numa perspectiva feminina, com o olhar e a voz da mulher sobre o que significa ser mulher; quanto ao segundo, pretendemos analisar e mostrar a especificidade da voz feminina ao exaltar a figura masculina, mostrando, deste modo, que essa literatura supera concepções minimalistas que representam a autoria feminina centrada no “confessional” e no “intimista”. É possível perceber que a literatura produzida por mulheres apresenta e carrega identidade, traduz a visão da mulher sobre a realidade. Com isso, não estamos promovendo segregação entre o que é literatura feminina e literatura masculina, mas buscando reconhecer a identidade feminina como marca relevante desse fazer artístico. Através dessa proposta os alunos podem ampliar a sua visão acerca da representatividade de autoras mulheres na literatura.

Palavras-chave: Rita Barém de Melo, Autoria feminina, Ensino.

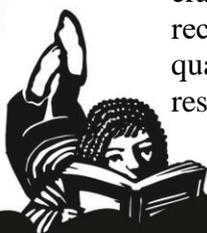
I. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu a partir dos estudos realizados no decorrer da disciplina “Poesia Brasileira: da literatura colonial ao pré-modernismo”, pela qual foi possível termos contato com diferentes autores e conseqüentemente diversas perspectivas estéticas, ou seja, modos distintos e peculiares que cada autor e autora trataram seus temas na poesia durante o recorte histórico mencionado. O referido componente curricular nos fez perceber o quanto a literatura brasileira, para além dos rótulos lhes impostos, pode esconder detalhes, nuances literárias, formas poéticas, que estão para além daqueles enquadramentos canônicos e modos de perceber a poesia como costumeiramente os livros didáticos os trazem. O enfoque que esses livros indicam são importantes para didatização dos conteúdos de Literatura em sala de aula, mas não devem encerrar nisso todo o significado que a poesia resguarda.

O que nos inquietou até então não foi somente a beleza que os poemas lidos em sala de aula eram capazes de despertar em nosso interior, mas, diante da poesia retratada, segundo um recorte bem preciso, “Poesia Brasileira: das origens ao pré-modernismo” (2017), perceber o quanto esse período representou significativamente para as escritoras brasileiras. É importante ressaltar que o período histórico que fazemos referência diz dos meados do século XVI e final

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





do século XIX, momento em que as mulheres quase não aparecem no cânone “oficial” da literatura, embora tenha sido um período em que muitas mulheres estavam escrevendo (ZINANI & POLESSO, 2010, p. 105), inclusive no Rio Grande do Sul. Assim, de certo modo, o nosso trabalho aqui resgata esse olhar sobre a produção das mulheres desse momento na literatura do Brasil, que resguarda um número grande de produção literária. Esse fato pode ser constatado pelo trabalho da professora pesquisadora Rita Terezinha Schmidt numa pesquisa sobre a literatura escrita por mulheres, na qual ela apresenta um contexto histórico e o (não)lugar da mulher escritora no século XIX. Momento em que as mulheres não tinham nenhum reconhecimento literário.

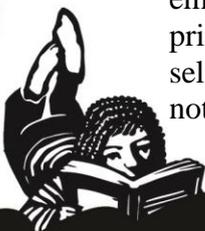
O trabalho da referida professora resultou na formulação de uma “Antologia de Escritoras Brasileiras do Século XIX” (2000), a qual resgata a escrita, o imaginário e a voz da produção literária feminina, que, devido aos pressupostos patriarcais (o homem como criador) acabam por se constituir sobre esse outro feminino, esse não constituído como sujeito, mas objeto. (SCHMIDT, 2017). Assim, mesmo as mulheres produzindo competentemente literatura igualmente ou até mesmo superior aos homens consagrados pelo cânone da autoria, a tradição do homem como o criador acaba por silenciar a autoria feminina relegando a elas espaços secundários.

Diante desse contexto da mulher na literatura ligada diretamente ao construto conservador patriarcal, é que escolhemos como foco da presente investigação a escritora gaúcha Rita Barém de Melo (1840 – 1868). A partir da análise dos poemas da autora objetivamos tecer algumas considerações sobre a voz e autoria feminina na literatura de Rita Barém de Melo. Apesar da riqueza poética presente em seus poemas pelas diferentes temáticas abordadas, pelas construções poéticas em rimas, tons e descrições em seus poemas, nos ocuparemos em analisar mais especificamente dois de seus poemas, a saber: “Sina de Mulher” e “O canto da Índia”. Quanto ao primeiro poema, indicaremos como a escritora constrói uma poesia com o eu-lírico numa perspectiva feminina, com o olhar e a voz da mulher sobre o que significa ser mulher; quanto ao segundo pretendemos analisar e mostrar a especificidade da voz feminina ao exaltar a figura masculina, retratada no poema mencionado. E assim, se possível percebermos como a literatura feminina apresenta e traduz a visão da mulher sobre a realidade.

Compreendermos que a literatura não é razão direta do contexto histórico-cultural na qual o autor ou autora se encontram, mas ela pode refletir e carregar “[...] marcas culturais que afetam os processos de formação, com suas peculiaridades e possibilidades, ou seja, o registro de uma construção das diferenças e das distintas formas de se lidar com as experiências do desenvolvimento social e cultural do indivíduo e da coletividade.” (ZINANI & POLESSO, 2010, p. 100). Assim propomos fazer uma leitura da obra de Rita Barém de Melo buscando fazê-la reluzir a si mesma, para além de interpretações prontas e acabadas. E desse modo é importante que a poesia da autora encontre, neste trabalho, seu devido lugar enquanto ato criativo.

II. UM NOVO OLHAR ACERCA DA LITERATURA FEMININA

Poetisa natural de Porto Alegre (RS), aos 15 anos publicou seu primeiro livro, “Lira dos 15 anos”, sob o pseudônimo de Jurity. Rita Barém de Melo continuou publicando até sua morte, em 1868. Ela é referência em se tratando de romantismo no seu estado, porque fez parte dos primeiros movimentos do movimento literário no Rio Grande do Sul. Ela fazia parte de um seleto grupo de escritores que publicavam para o periódico O Guaíba (1856-1858), primeiro noticiário sul-rio-grandense dedicado exclusivamente à disseminação da literatura, na cidade





VII ENLIJE

de Porto Alegre, a escritora adotara o pseudônimo Juriti. Embora quando se trata de romantismo alguns “estereótipos” nos venha logo à mente, tais como aqueles que enquadram em fases os poetas (ultrarromântica, fase libertaria e indianista), a poetisa consegue ir além dessas marcas literárias. Apesar de sua importância e de sua poesia exemplar, de sensibilidade impar a escritora pouco aparece em livros didáticos, ou ocupe lugar de destaque nos diferentes cânones arbitrariamente convencionados, considerando-se os mais diferentes critérios.

Apesar de ter sido extremamente importante para a literatura do período do romantismo a poetisa não recebeu a merecida atenção da crítica e da historiografia literária sulina. A desvalorização do trabalho feminino é algo estrutural, mas com o passar dos anos com a presença dos movimentos feministas o patriarcado foi perdendo força e as mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho.

SHOLWATER (1981), afirma que, "Nenhuma teoria por mais sugestiva, pode substituir o conhecimento íntimo e extenso dos textos produzidos por mulheres, que constituem nosso foco principal." Tendo em vista isso, revela-se a importância da escrita de autoria feminina, pois nada melhor do que mulheres para dar voz a personagens e eu-líricos femininos, é importante essa representatividade da mulher na literatura.

Apesar de ser classificada como integrante do ultrarromantismo ou segundo estilo de época do Romantismo brasileiro, Barém com sua escrita irreverente e afrente de seu tempo perpassa as três fases do romantismo, posto que, em seus poemas retrata as temáticas das três fases do período Romântico. A poetisa foi influenciada intelectualmente por diversos autores, tais como alguns dos franceses, entre eles Victor Hugo, A.Dumas e Lamartine, Rita Barém em seus poemas demonstrava ser uma leitora bastante perspicaz de autores de sua época, tais como Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo entre outros.

A autora se desvincula do subjetivo abordado anteriormente por poetas e passa para uma poesia mais concreta. Com sua poesia Rita Barém mostra que as mulheres escrevem tão bem quanto qualquer homem, e que as mulheres devem ter seu trabalho reconhecido também e que querem escrever cada vez mais, que não são meras donas de casa, e que possuem capacidade intelectual para fazer parte do cânone literário brasileiro

Analisaremos o poema a seguir:

Sina de Mulher

En vain le jour succède au jour,
Ils glissent sans laisser de trace,
Dans mon âmerien ne t'etace,
O dernier songe de l'amour!
.....
Du soleil lacesleste flame
Avec lês jours revient et fruit,
Mais mon amour n'a pas de nuit,
Et tu Luis toujours sur min âme.

(Lamartine)

Naquelas tardes sombrias,
À tibia luz do sol posto,
Reverberava em teu rosto
Luz de profundo sentimento;
Naquelas noites de lua,
Com tuas mãos entr'as minhas,
Quando amor no seio tinhas
Me queimava em teu alento.





VII ENLIJE

Eu nessas crenças mimosas
Dos meus sonhos de donzela,
Eu cria eterna capela
Que c'rova aquele amor;
Mas- flor que o vento sacode,
Morreu-me aquela esperança
Mas não morreu a lembrança,
- Perfume da morta flor!

Pobre mulher! a poesia
Nos teus afetos não morre;
Às vezes no céu lhe corre,
Pálida nuvem... coitada
Mas a fragrância conserva
Que no meu peito bebera,
Doce e loura primavera
D'incôncias orvalhada.

Nas minhas crenças mimosas,
Nos meus sonhos de donzela,
Eu cria eterna a capela
Que c'roava aquele amor!

Qu'esplendores te pousavam
Na fronte fúlgida aurora,
Poucas pérolas agora
Me restam do teu fulgor.

Qual relâmpago nas trevas
Abrindo as fitas de fogo,
Raiou fulgiu, morreu logo
Daquele afeto o calor!
No lago dos desenganos
Banhando as asas celestes,
Sorriu das cândidas vestes,
Perdeu-se o cisne d'amor!

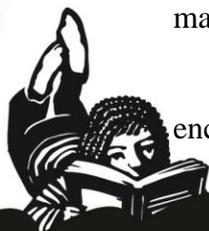
Rio Grande, 22 de abril de 1863.

No poema intitulado, "Sina de Mulher", a poetisa retrata a postura e o olhar feminino de uma perspectiva na qual a mulher de fato possui voz, de modo que, observa-se traços que denunciam que é de fato uma mulher que vos fala, não é apenas mera representação e sim um eu-lírico tangível.

A sonoridade do poema é criada através de versos heptassílabos que são versos comuns na literatura de cordel, a poetisa faz o uso de elisão para não quebrar as sete sílabas poéticas do poema.

A poeta retrata de fato qual seria a sina de uma mulher naquela época, retrata o desencanto amoroso, visto que o amor que o eu-lírico cultivava no qual apostou todas suas fichas porém este amor desaparece, como é possível observar no primeiros versos, a ideia do cair da tarde é algo bem típico desse idealização do amor ultra-romântico, as trevas a incomunicabilidade com a figura do amado, vale ressaltar que essa perspectiva geralmente é abordada do ponto de vista masculino, retratando o amor pela sua amada.

No 13º verso o " mas" que é um operador argumentativo que estabelece um contraponto, encontra-se no corpo do texto para insinuar que a crença na eternidade do amor e a realidade^{m.br}





VII ENLIZE

concreta da vida há um descompasso, com isso constata-se que a ideia de desencontro amoroso é constantemente enfatizada ao longo do poema, que é uma das características marcantes deste período do romantismo.

Ainda neste verso, o eu-lírico fala de uma flor, a ideia da flor traz ao imaginário a questão da fragilidade, a concepção de um amor efêmero, que pode ser desfeito com um simples balançar do vento.

O poema é carregado de melancolismo, retrata um amor do passado, revela um certo saudosismo desse amor que o eu-lírico nutria em seus sonhos de donzela, como fora relatado no 11º verso "meus sonhos de donzela" e assim sucessivamente nos versos que seguem "Eu cria eterna a capela" etc.

Ao final do poema o eu-lírico constrói a imagem de um relâmpago que tem uma grande carga simbólico dentro do poema, visto que ele representa algo fugaz, o eu-lírico usa a metáfora do relâmpago em relação ao amor que nutria por seu amado em seus tempos de moça. O eu-lírico relata a sina de uma mulher romântica pelo olhar de uma escritora mulher.

Em seu poema intitulado, "A... EU NÃO POSSO TE AMAR" a escritora também relata a inversão do papel da mulher em comparação a figura masculina, quando retrata o eu-lírico de maneira decidida trazendo um novo olhar para a figura feminina, neste poema a mulher é retratada de forma madura e sensata enquanto o homem de maneira imatura e dramática, a autora dá vida a um eu-lírico que de fato tem voz e assume uma posição controversa diante da sociedade machista e patriarcal da época, quebrando o estereótipo de que a mulher deve aceitar qualquer tipo de amor.

III. O EU LÍRICO FEMININO

Nesse trabalho desejamos apresentar a poesia da autora, tentando retratá-la sem nos apegar demasiadamente aos ditames interpretativos impostos por certas formas concepções muito presentes nos livros de Literatura da educação básica. Desse modo, o poema que analisaremos a seguir, chamado "O canto da Índia", não pode ser visto apenas seguindo esses moldes que o identificaria como "indianista", apenas. Queremos elevar outros aspectos seus também importantes para a compreensão do quanto foi significativa a poesia de Rita Barém de Melo no seu tempo, e o quanto o é nos dias de hoje por revelar o jeito nuanças, sensibilidade e visão de mundo em outra perspectiva. Assim, olhar a poesia com as emoções que a poetisa gaúcha imprime em seus versos é desacomodar deixar entrever o olhar e deixar soar a voz de quem historicamente foi silenciado pelo cânone literário, o discurso feminino.

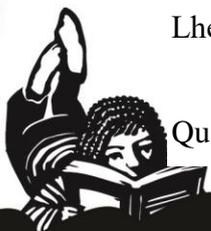
Analisaremos o poema a seguir:

O canto da Índia
Amo o índio trigueiro, valente,
Que não sabe de medo chorar,
Quando a vos do perigo, da guerra,
Lhe vi n' alma guerreira ecoar.

Quando o brado de ingenite peleja

Sobre a terra de faz ressoar,
Relampejam seus olhos escuros
Como estrelas no céu a brilhar.

Como tremem-lhe as plumas soberbas
Do soberano formoso cocar,
Quando corre nas matas selvagens





VII ENLIJE

Sob as ramas do verde palmar!

Como é belo o mancebo orgulhoso,
Pelo bosque tão livre a correr
Quando a relva se molha d'orvalho
Que goteja da rama a tremer!

Escorrido o cabelo tão negro,
Vai na face crestada bater,
Como as ondas que batem na rocha,
Entre cálix de espuma a ferver!

Debruçado no brado salgueiro
Que sombreia a safra do rio,
Seu cabelo semelha a ramagem
Que o chorão no regato esparziu!

Tem a vida embalada aos cantares
Que lhe cantam gazis, sabiás!
Tem por último leito a folhagem
Dos mimosos, gentis araçás.

Tem a fronte morena queimada
Pelo sol que s'abrsa no céu,

De seus olhos altivos o fogo
Em minha'alma esta flama ascendeu.
Nunca foste tostada s'esfria,
Nem os lábios se vêem descorar.
Quando o som do boré para a guerra
Vai o bravo dos bravos chamar

Eu adoro cabelo fogueiro
Que estremece convulso ardor
Quando a sombra do verde coqueiro
Adormece falando d'amor.

Quando diz "indiana formosa"
És d'América a flor mais louça,
E o índio te adora, cabocla,
Como a tribo, seu Deus, sua irmã".

E ao Índio, trigueiro, valente,
Eu não hei jamais olvidar,
Que adoro seus olhos escuros
Como estrelas no céu a brilhar.

(Rita Barém de Melo)

Como podemos perceber, no verso acima, a autora começa descrevendo a pessoa amada. Trata-se de um poema com mais de 10 estrofes, com estrofes formadas por quatro versos cada. O poema "O canto da Índia" remete-nos, de certo modo, a poemas de caráter descritivo, as epopeias, com as devidas ressalvas. Embora não retrate grandes feitos, como é caráter das epopeias, o conto exalta a figura do índio, destacando seus aspectos físicos, sua beleza aparente aos olhos do eu-lírico, mas também seus atributos subjetivos e psicológicos. O poema exalta as qualidades do índio, todavia o faz para expressar a razão do seu cantar: ao falar do índio como se observa no poema, se entrevê o estado de espírito apaixonada da pessoa que canta esse canto.

A escritora apresenta o índio e para enaltecer suas virtudes usa de associações com o próprio universo retratado, no caso as matas, a fauna e a flora. Desse modo o poema cria como que uma atmosfera real, em que o leitor é levado a pensar como esses nativos talvez pensem, ou seja, existe uma tentativa concreta de falar do universo indígena como se o próprio índio tivesse descrevendo: construindo as significações da sua realidade, do contexto de seu convívio, relacionando a ideia de beleza, de nobreza de caráter e de amor sempre aos aspectos circunscritos.





VII ENLIJE

à natureza. Natureza como lugar de fala dos povos indígenas. Assim, embora saibamos que seja uma índia que canta no poema, o canto convida o leitor a falar do mundo de outra perspectiva: na perspectiva daqueles que habitam as florestas, na maioria das vezes.

Desse modo, podemos observar que o eu lírico, ao fazer menção aos aspectos na natureza para falar do índio, deseja fazer-se entender quanto às coisas concernentes ao amor. O próprio canto parece falar do sentimento de quem ama, no caso a índia. Somente quem esteja caído de amores por alguém conseguiria falar desse modo da pessoa amada. Outras pessoas, que não um nativo da floresta, talvez usassem para a construção de metáforas, sons, ritmos e imagens outras maneiras. Isso porque nos é possível falar das coisas de do mundo sempre a partir de nossas experiências e conhecimentos de mundo. Nesse sentido o poema faz ao menos pensar sobre como é que o índio se põe na poesia ou na arte em geral. O poema talvez nos mostre um pouco do que talvez possa ser.

Assim, embora a poetisa seja considerada romântica, e mais especificamente ultrarromântica, o amor descrito por ela, feito a partir da construção de uma ambientação peculiar dos povos indígenas, não é um amor idealizado. Mas algo que toca a concretude da existência do eu lírico. O poema não expressa o modo como a índia deseja ser amada. O amor não está no campo das expectativas, mas se realiza no gesto do índio para quem se canta. Podemos constatar isso quando se diz na décima estrofe: “Quando a sombra do verde coqueiro adormece falando d’amor. Esse amor torna-se concreto quanto na estrofe seguinte o verso diz: “quando ‘diz indiana formosa, és d’América a flor mais louça. O Índio te adora, cabocla, como a tribo, seu Deus, sua irmã.”

O poema, assim, retrata a visão da escritora sobre o amor. A sua poesia não se resume a descrever estados emocionais da alma em que o Eu lírico apenas sofre pela pessoa amada. Seus versos revelam o amor em suas nuances subjetivas, mas, contudo, tocando a realidade. A poesia de Rita Barém de Melo é rica e seria empobrecê-la se relegássemos seus escritos a interpretações meramente circunscrita aos ditames do que se consolidou como saber do período romântico no Brasil. Os poemas trazem o olhar de uma escritora mulher sobre esses temas e nesse sentido também apresenta algo novo: um jeito de falar de amor, de construir poesia e falar sobre sentimentos.

IV. PLANO DE AULA: PROPOSTA DE APLICAÇÃO DOS DOIS POEMAS ANALISADOS

Nos tópicos abordados anteriormente, analisamos dois poemas de BARÉM, nestes poemas são abordadas questões, como por exemplo, a condição da mulher na sociedade do século XIX, aspectos subjetivos e psicológicos acerca dos temas de como é ser uma mulher na sociedade, também são abordadas temáticas indianistas através do olhar feminino. Por isso é importante fomentar estes estudos literários de autoria feminina, pois através do olhar feminino e de sua idiosincrasia podemos ampliar nossa visão acerca da literatura produzida no Brasil.

Devido a essa lacuna que a escola tem quando se trata de estudos literários de poesia de autoria feminina, sentimos a necessidade de elaborarmos uma proposta de atividade que trabalhasse a leitura dos dois poemas analisados neste artigo científico.





VII ENLIJE

PLANO DE AULA:

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

DISCIPLINA: Literatura

TURMA: Pode ser aplicado em turmas do 1º ao 3º ano do ensino médio.

TEMPO PREVISTO: 2 aulas de 50 minutos.

OBJETIVOS:

GERAL:

Compreender que a poesia literária tem escritoras tão competentes quanto os escritores do cânone literário, através da leitura dos dois poemas da poetisa Rita Barém de Melo.

ESPECÍFICOS:

- Analisar os dois poemas, “Sina de Mulher” e “O canto da Índia” de Rita Bárem de Melo.
- Debater acerca dos poemas com o intuito de ampliar a visão dos alunos acerca da representatividade de autoras mulheres na literatura.

METODOLOGIA: A aula será expositiva dialogada. O(a) professor(a) entregará aos alunos a xerox dos poemas e caso a escola disponha de Data show as xerox não serão necessárias pois o(a) professor(a) poderá criar slides com os poemas para os alunos possam acompanhar a leitura. Em um primeiro momento o(a) professor(a) lerá os poemas em voz alta, posto que a leitura do poema em voz alta é essencial para a interpretação do mesmo, logo após, será feita a leitura conjunta para que os alunos com o auxílio do(a) professora possam analisar os poemas e posteriormente haja um debate acerca da autoria feminina na poesia literária através dos poemas estudados em sala de aula.

RESUMO DO CONTEÚDO A SER APLICADO: Dois poemas, “Sina de Mulher” e “O canto da Índia” de Rita Barém de Melo.

RECURSO NECESSÁRIOS: Data show, xerox dos poemas completos, lápis ou caneta.

AVALIAÇÃO: Será feita de modo contínuo, de acordo com a participação dos alunos.

REFERÊNCIAS:

ALVES, José Helder Pinheiro. **Poesia Brasileira: das origens ao pré-modernismo.** Campina Grande, EDUFCG, 2007.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho, podemos constatar a importância da representatividade e da autoria feminina na literatura brasileira, pois devido a esse fato as mulheres mostram sua força e que também são capazes de produzir poesia e atuar no campo da literatura de maneira eficiente e com qualidade.





VII ENLIJE

Quanto ao ensino de Literatura percebemos que deve haver uma reestruturação nos livros didáticos, pois a ênfase ainda é apenas em escritores homens que compõem o cânone literário, a partir da inserção conseguiremos aproximar os alunos ao texto literário de autoria feminina. É importante salientar a importância da leitura de obras poéticas de autoria feminina em sala de aula para que os alunos construam uma outra perspectiva acerca da figura feminina retratada na literatura.

Com base nisso, elaboramos uma proposta de atividade com os dois poemas analisado anteriormente, “Sina de Mulher” e “ O canto da Índia” de Rita Barém de Melo. Devido ao fato de que há uma lacuna acerca de autoras de poesia literária nos livros didáticos, pensamos em como trazer a leitura de poemas como esses para a sala de aula, buscamos em outras fontes para que os alunos tenham esse contato e para as autoras poderem ter essa representatividade em sala de aula, são poemas extremamente ricos e importantes para uma formação leitora de qualidade.

Concluimos que como futuros professores, torna-se indispensável a propagação de leitura de autoria feminina em sala de aula, e sugerimos mais pesquisas em relação a escritora Rita Barém de Melo que possui um acervo tão rico de poemas que despertam abundantemente o imaginário do leitor de maneira perspicaz.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Helder Pinheiro. **Poesia Brasileira: das origens ao pré-modernismo**. Campina Grande, EDUEFCG, 2007.

Pesquisa em pauta: Mulher e literatura. Entrevista com Rita Terezinha Schmidt. Rio Grande do Sul, 2017, UFRGTV, 24:24 min. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=KXi482PvIGM>>> Acesso em: 20 de jul. de 2018.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Imaginário, voz e autoria feminina na literatura**. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2015/11/imaginario-voz-e-autoria-feminina-na-literatura/>>> Acesso em: 20 de jul. de 2018.

SHOWALTER, Elaine. "Feminist Criticism in the Wilderness". **Critical Enquiry**, v.8, n.2: **Writing and Sexual Difference**, p.179-205, 1981. Em português: A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.23-57.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert & POLESSO, Natalia Borges. Da margem: a mulher escritora e a história da literatura. **MÉTIS: história & cultura – v. 9, n. 18, p. 99-112, jul./dez. 2010**.

